

MESTRA DA ARTE-EDUCAÇÃO

» SEVERINO FRANCISCO

A pernambucana Ana Mae Barbosa, 90 anos, tem uma fé na arte-educação capaz de abalar montanhas de ceticismo. Ela promoveu uma pequena revolução no ensino da arte no Brasil ao desenvolver uma abordagem didática para explorar as possibilidades de educação e de crítica. Ana Mae foi agraciada com o Prêmio Anísio Teixeira, concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC) a profissionais que contribuíram, significativamente, para o desenvolvimento da educação e da ciência no Brasil. Ela percebe a arte-educação como um campo precioso de interação com todas as outras disciplinas para ler as imagens, desenvolver saberes exigidos na era virtual, construir uma consciência social e combater a violência e o racismo. Crítica o descaso de sucessivos governos com a arte-educação, expresso no fato de que 38% dos professores da matéria em sala de aula têm formação em outras disciplinas.

A história de Ana está entrelaçada com a de Brasília. Ela participou da criação do Instituto de Artes da UnB, a convite de Darcy Ribeiro, experiência que considera fundamental em sua vida. De passagem por Brasília para receber o prêmio, Ana Mae falará sobre arte-educação, hoje, às 18h, no Auditório Bia Medeiros, no IDA ,Campus Darcy Ribeiro, na UnB. E, nesta entrevista ao **Correio**, ela fala sobre a descoberta da arte, a relevância do encontro com Paulo Freire e o que seria preciso fazer para explorar as potencialidades da arte-educação no Brasil.

Como foi a sua história pessoal de se transformar em uma arte-educadora?

Estudei direito e sofri muito com o machismo dos professores. Fui aprovada com uma das maiores notas. Havia duzentos homens e 18 mulheres na turma. Fui humilhada do primeiro ano ao quinto ano. O professor me pedia para eu me levantar e fazia perguntas muito específicas que eu não sabia. Entrei para estudar direito não para dar aulas de direito. Ele virava para a turma e dizia: “Passou na frente de todos vocês e não sabe nada!”. Chorar ao banheiro era constante. Fui a primeira mulher da família a entrar na faculdade. Eu vinha de uma família conservadora da aristocracia canavieira decadente. Tinha sido muito difícil convencer a minha família a me deixar entrar na universidade. Resolvi ir até o fim. Eu era entusiasmada com o direito, mas sabia que seria tão perseguida quanto estava sendo na universidade.

E o que a fez mudar de opinião sobre arte e educação?

Eu não tinha vontade de ser educadora, achava que era uma atividade repressora. Não tive educação, tive repressão. Mas tive a sorte de fazer um curso com Paulo Freire. Ele me convenceu de que educação poderia ser libertação. Neste mesmo curso, encontrei Noemia Varela, uma arte educadora fantástica, que me acolheu. Sempre fui ótima aluna, mas tive notas baixas em desenho. Descobri, por meio de dona Noemia, que a errada não era eu, era o ensino de desenho. No ginásio, eu estudava em um colégio de freiras bastante conservador. Uma freira colocava na lousa o desenho de uma borboleta para copiar. Quando ela olhou a minha, ela disse: “que coisa horrível.” Ela rasgou e jogou no lixo. Imagina para quem sofreu essa afronta, descobrir a expressão livre das escolinha de arte do Brasil. Comecei estagiar e, assim, fui.

E como deu sequência à formação?

Quería muito fazer um mestrado e doutorado, fui para São Paulo e tentei fazer na USP, mas não tinha ninguém que podia me orientar. Não escolhi estudar nos Estados Unidos, fui para lá fazer mestrado porque não tinha chance de fazer no Brasil. Foi uma decisão magnífica, entrei na Universidade de Boston com uma carta de Paulo Freire. Tinha um convite do Walter Zanini, um chefe que só pensava no desenvolvimento dos professores. Ele disse: “ Se você fizer doutorado logo, deixo você abrir uma linha de pesquisa em arte e educação”. Fiz doutorado em um ano e meio, fui muito bem aceita, convidada para dar aula. Lá, tive muito contato com os movimentos de multiculturais, os movimentos de orientações antirracistas, a valorização da cultura indígena. A Universidade de Boston foi a primeira a receber negros. Foi lá que Martin Luther King estudou, ele deixou parte do acervo dele na Universidade de Boston. Enfim, fui privilegiada, encontrei Paulo Freire, estudei na Universidade de Boston e participei da experiência inovadora da criação da Universidade de Brasília original.

Como foi a experiência na Universidade de Brasília original?

A minha experiência da Universidade de Brasília foi, ao mesmo tempo, dolorosa e formativa. Eu tinha 29 anos, estava entusiasmadíssima com Brasília, adorei a

André Seiti/ Itaú Cultural/ Divulgação



EM ENTREVISTA AO CORREIO, ANA MAE BARBOSA, AGRACIADA COM O PRÊMIO ANÍSIO TEIXEIRA DA CAPES, FALA SOBRE A FORMAÇÃO, A SITUAÇÃO DO ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO E O QUE PRECISA MUDAR

cidade e adorei participar de uma grande aventura. Saí de lá com a minha educação política aprofundada. E também com a minha educação intelectual enriquecida, aprendi muito no contato com os colegas. Iniciei o mestrado com doutor Alcides da Rocha Miranda, um bauhausiano maravilhoso, que estudou na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, criada por Anísio Teixeira. Anísio o escolheu para dirigir o Instituto de Artes da UnB. Na verdade, Anísio criou duas universidades federais modernas, a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, e a Universidade de Brasília, ambas de alta qualidade, ambas fechadas por ditaduras. A do Rio, fechada pelo Estado Novo. A de Brasília não foi formalmente fechada, mas, em 1965, todos os quase 200 professores foram demitidos. Entre novembro e março não havia professores. Em março, foram contratados outros professores. Nunca vou deixar de me congratular por ter passado por essa experiência.

Quais os legados dessa experiência com a Universidade de Brasília?

A minha experiência foi extraordinária, eu trabalhava, avidamente, no sentido de criar uma escolinha de arte no câmpus, para que quando a Faculdade de Educação começasse, já encontrasse arte e não fizesse o que as outras universidades faziam: considerassem algo sem importância. Consegui fazer o primeiro congresso de arte educação da universidade brasileira. Levei, principalmente, o pessoal mais avançado, que estava no Rio de Janeiro, por causa da escolinha de Augusto Rodrigues. O auditório do Instituto de Arte ficou lotado, havia muito interesse do pessoal da rede pública de ensino de Brasília. Realmente, tive uma experiência especial. Todos nós levamos para outros lugares a aprendizagem de Brasília, que foi a de encerrar o mundo com os olhos modernos e não com os olhos conservadores. Na Universidade de São Paulo, isso foi fundamental, aprendi a brigar, a lutar, a convencer os outros. A luta política da UnB serviu para que a gente conseguisse tornar a universidade mais permeável à arte.

Que diagnóstico a senhora faz da situação do ensino de arte no Brasil?

A situação do ensino da arte não é boa no Brasil. Tenho a sensação de que o Ministério da Educação engoliu a arte à revelia. O Governo Temer queria tirar a arte do currículo. Os professores se rebelaram, consegui 15 mil assinaturas de protesto. Felizmente, aceitaram recolocar a arte no currículo do ensino médio, mas não está se fazendo nada para explicitar o ensino de arte. Não quero a normatização do ensino da arte. O professor tem direito de praticar a sua criatividade de metodológica. Eu quero é apoio do Ministério da Educação, quero organize cursos com as secretarias de educação, que avalie a produção da arte. Sim, é importante, que se avalie. Em suma, quero que o Ministério da Educação faça pela arte o que faz pela matemática.

O que é preciso fazer para melhorar e potencializar o ensino da arte no Brasil?

O que precisamos no ensino da arte no Brasil é de bons professores de arte. Mas a realidade é dura, uma pesquisa que fizemos mostrou que 38% dos professores que estão sala de aula são de outras áreas, nunca tiveram experiência de arte. Isso torna impossível uma boa qualidade de ensino. Outra questão é que o ensino da arte deve ter em vista desenvolver a conscientização social, contextual e de si mesmo. Ouvi uma frase linda de um professor indígena. Para ele, a arte se aprende vendo fazer, fazendo e fazendo junto. Essa última etapa está faltando.

A senhora poderia sintetizar a abordagem que criou para o ensino da arte educação?

Sistematizei uma abordagem pessoal que os professores e pesquisadores apelidaram de metodologia triangular. É uma metodologia que o professor preencherá com sua capacidade, atenção e força criativa. Ela tem três eixos: o primeiro é fazer a arte. A criança e o adolescente precisam criar formas. O segundo é a leitura de imagem, pode ser obra de arte, imagens comerciais, visualidade criada pela tecnologia ou memes. O mundo é cada vez mais visual, é preciso preparar para ler o visual



Uma pesquisa mostrou como o contato com a arte afeta o desenvolvimento cognitivo. Ela desenvolve a capacidade de interligar conceitos que não têm relação. Isso é fantástico. O conhecimento do século 21 é muito baseado na linkagem, em conectar um conceito com outro, uma imagem com outra"

Ana Mae Barbosa, arte-educadora

em todas as categorias. E a terceira é a contextualização, é uma porta aberta para a intertextualidade a para a percepção social. É importante conhecer a história da arte. E não estou falando somente da história da arte europeia, a única ensinada nas universidade. Existem poucas que trabalham a história da arte brasileira, afro-brasileira ou indígena. A arte ajuda a decodificação do mundo ao redor.

A senhora poderia dar um exemplo?

Eu estava acompanhando a aula de uma professora, quando foi apresentada a pintura *Guernica*, de Pablo Picasso e indagado aos alunos sobre o que dizia aquela imagem. Uma menina disse que era o ataque atômico. Porque aquele olho lá em cima é a explosão, os corpos quebrados são resultado desse ataque nuclear. Você não pode responder que está errado. O grande perigo do mundo é a bomba atômica. Mas você vai dizer que aquilo foi feito, originalmente, para expressar uma situação de guerra. Você vai conversar sobre a guerra. Então, não apresento uma metodologia, apresento um script, o professor escolhe a metodologia.

A senhora entende que a arte-educação pode contribuir para o combate ao racismo e ao bullying nas escolas?

Podemos combater, sim, o racismo e a violência, por meio da arte. Uma das soluções é integrar esses objetos no programa escolar em todas as disciplinas. Isso fará com que os professores encontrem maneiras de sempre tocar neste tema. Outra necessidade é a de o ensino da arte ampliar os códigos, não pensar somente no código europeu americano branco. Mas trabalhar, também, com o código da arte africana, indígena e dos loucos. Enfim, ter um programa multicultural para trabalhar com arte. É preciso, ainda, levar os alunos a lugares vulneráveis para eles perceberem as outras maneiras de encarar as dificuldades da vida e de viver. A escola São Domingos, ligada a PUC de São Paulo, faz isso.

Como a arte-educação pode influenciar e melhorar a aprendizagem de outras disciplinas?

A influência da arte nas outras disciplinas pode ser grande por meio da interdisciplinaridade. Mas é difícil, vejo a interdisciplinaridade tratada no sistema de ensino como acordo cognitivo e não pensamento interligado. Nos Estados Unidos, fizeram uma pesquisa com dois grupos de alunos quando se falou em retirar a arte do currículo. Eles foram observados do primeiro ano até o último do ensino médio. Ao fim do curso, o grupo com aulas de arte, diariamente, teve 70% de escolha para a universidade de quatro ano. Enquanto isso, no grupo dos que só tiveram uma aula por semana, a maioria optou por uma universidade de dois anos. E outra pesquisa mostrou como o contato com a arte afeta o desenvolvimento cognitivo. Ela desenvolve a capacidade de interligar conceitos que não têm relação. Isso é fantástico. O conhecimento do século 21 é muito baseado na linkagem, em conectar um conceito com outro, uma imagem com outra. A Inteligência Artificial, inclusive, vai aprofundar esse tipo de conhecimento. Isso demonstra como a arte é essencial para a educação. A IA vai inclusive aprofundar esse tipo de conhecimento. É essencial para a educação.